

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA

PLANO

OBRAS GERAIS

Bibliografias. Dicionários. Periódicos.
Atas. Miscelâneas. Congressos. Simpósios.
Tratados. Cursos. Manuais.
Introduções. Ensino. Didática. Pesquisa.

ESTUDOS HISTÓRICOS

Histórias Gerais.
Histórias Especiais.
História da Filosofia Brasileira.

ESTUDOS DE AUTORES

Autores Antigos.
Autores Medievais.
Autores Modernos.
Autores Contemporâneos.
Autores Brasileiros.

EDIÇÕES DE TEXTOS

Textos Antigos.
Textos Medievais.
Textos Modernos.
Textos Contemporâneos.
Textos Brasileiros.

ESTUDOS SISTEMÁTICOS

Epistemologia.
Lógica.
Teoria da Filosofia.
Metodologia Científica.
Epistemologia das Ciências.
Ontologia.
Filosofia da Natureza.
Antropologia Filosófica.
Teodicéia.
Axiologia.
Estética.
Ética.
Filosofia da História.
Filosofia Social.
Filosofia Política.
Filosofia da Educação.
Filosofia da Ciência.
Filosofia da Arte.
Filosofia da Cultura.
Filosofia do Desenvolvimento.
Filosofia da Linguagem.
Filosofia da Religião.
Filosofia da Economia.
Filosofia do Direito.
Filosofia do Trabalho.
Filosofia do Lazer.

BIBLIOGRAFIA BRASILEIRA DE FILOSOFIA**OBRAS GERAIS****BIBLIOGRAFIAS:**

263. SBPC. Resumos da 29ª reunião anual. Suplemento de **Ciência e Cultura**, 29 (7) jul/1 977. São Paulo. 906 pág.

Este Suplemento contém um pequeno resumo de todas as comunicações programadas para a 29ª reunião da Sociedade. Na seção B, dedicada às ciências do homem, encontram-se referências e sínteses das comunicações versando especificamente sobre filosofia da ciência.

ESTUDOS HISTÓRICOS**HISTÓRIA DA FILOSOFIA BRASILEIRA**

Cf. também nº 287.

264. CAPALBO, Creusa. A filosofia no Brasil atual. **Ciências Humanas**. 1 (1): 9 – 15, abr./jun., 1 977.

Após mostrar a necessidade para o filósofo brasileiro de inserir-se na continuidade da tradição do pensamento filosófico ocidental, a autora assinala duas grandes vertentes da atual filosofia brasileira: a filosofia do inconsciente e a filosofia da consciência. Aprofunda sua análise desta segunda orientação, situada no prolongamento da tradição fenomenológica, sempre à busca de um novo cogito. Cita os autores brasileiros que se incluem nesta orientação, encerrando seu artigo falando das relações fenomenologia-psicanálise, sobre o que pouco se falou no Brasil.

265. CHACON, Vamireh. **História das idéias sociológicas no Brasil**. São Paulo. Grijalbo-EDUSP. 1 977 (Col. 'História das Idéias no Brasil') 142 págs.

Partindo da 2ª metade do séc. 19, época em que situa o início da maturação do pensamento sociológico, o autor delinea os grandes momentos de articulação deste pensamento enquanto ciência e epistemologia que também são transferidos de outros centros para o Brasil. Tomando o pensamento de teóricos estrangeiros como pontos de referência, dada a respectiva influência o autor passa em revista as principais posições dos pensadores brasileiros mais representativos deste pensamento social, entre os quais merecem destaque Tobias Barreto, Sílvio Romero, Alberto Sales, Paulo Egídio de Oliveira Carvalho, José Higino Duarte, Gilberto Freire, Gama Rosa, Soriano de Albuquerque, Pedro Lessa, J. Augusto Coelho, Oliveira Viana, Euclides da Cunha, David Campista, Fernando de Azevedo, Queiroz Lima, Caio Prado Jr., Guerreiro Ramos, Hermes Lima, Costa Pinto, Delgado de Carvalho, Machado Neto, Correia Dias, Juarez Brandão, Octávio Ianni, Florestan Fernandes, Maria Isaura Pereira Queiroz, Fernando Henrique Cardoso e Francisco Weffort.

ESTUDOS DE AUTORES

AUTORES ANTIGOS:

266. MARIUZZO, João José Itagyba. **Banquete**, de Xenofonte. Introdução, tradução e notas explicativas. **Leopoldianum**. 3 (8): 51 – 59, dez., 1976.

O autor mostra neste artigo, que é a introdução de sua tradução do texto de Xenofonte, o valor da compreensão emocional como base para a compreensão intelectual mais perfeita e global de um assunto. Apresenta os objetivos específicos e os gerais da tradução do **Banquete**, de Xenofonte, menos conhecido que o **Banquete**, de Platão, fazendo igualmente um paralelo entre as duas obras. Apresenta a figura de Sócrates não só como figura irônica, mas também divertida, dentro do contexto dos dois diálogos. Estabelece 27 semelhanças entre as duas obras, fazendo uma análise quanto à prioridade das obras dos filósofos citados, assim como quanto ao prisma sob o qual Sócrates é apresentado. Retoma os conceitos de Ziehen e de Kant sobre a estética socrática. Define o que é estético e o que é telético e discorre sobre a atitude utilitarista da estética atual (Dalva Nosé).

AUTORES MODERNOS:

Cf. Também nºs 268, 277, 281.

267. RANGEL, Paschoal. Modelo marxista de análise social: exposição e crítica — I. Atualização. 8 (87/88): 127 — 137, mar/abr., 77.

O autor faz uma exposição do princípio básico do método marxista mostrando a necessidade de se fazer algumas avaliações pela leitura direta dos textos de Marx. Observa que o materialismo marxista não é propriamente metafísico, mas histórico e representa uma crítica social, com uma visão global do homem e da história. E é aí que se situa a fraqueza de tal teoria: suas análises sociais não resistem à crítica porque em vez de corresponderem à realidade histórica, elas se tornam ideológicas. Nem por isso as 'intuições' de Marx são destituídas de valor.

AUTORES CONTEMPORÂNEOS:

Cf. Também nºs 278, 279, 281, 283.

268. CAVAZZUTTI, Tommaso. Uma desideologização do marxismo. **Vozes**. 71 (7): 69 — 76, set. 1 977.

O autor analisa criticamente a interpretação althusseriana do marxismo, segundo a qual o pensamento maduro de Marx tem um valor científico e como ciência se distingue nitidamente da ideologia filosófica de que se originou historicamente. Embora reconheça os méritos da contribuição desta exegese feita por Althusser para a compreensão do marxismo, o autor levanta uma série de questões ainda não solucionadas e muito polêmicas, tanto ao nível da epistemologia como ao nível da antropologia.

269. KRUSE, Dom Beda. Edith Stein. **Leopoldianum**, 3 (8): 85 — 92, dez. 76.

Após apresentar notas biográficas de Edith Stein, religiosa carmelita de nome Tereza Benedita da Cruz, sacrificada pelos nazistas devido à sua origem judaica, analisa sua vida filosófica como aluna e,

posteriormente, como assistente de Husserl. Apresenta a seguir as três fases de seu pensamento filosófico. Na primeira fase, Stein entende que as investigações são baseadas exclusivamente na razão natural; na segunda fase, procura harmonizar os conhecimentos filosóficos com a fé e a teologia e na terceira fase afirma que o pensamento dedutivo serve-se da fé autêntica e viva para a contemplação mística. O autor expõe em seguida o encadeamento do pensamento ontológico de Stein, seu método e a terminologia empregada. Mostra seu interesse em estabelecer relações entre os pensadores passados e os atuais, tendo em vista confrontar uns aos outros, sistemas tais como o aristotelismo, o tomismo e a fenomenologia, procurando encontrar neles o que há de comum entre si enquanto buscam a verdade. (Dalva Nosé).

270. MARIANO JR., Júlio. Paradigma e modelo na epistemologia de Thomas S. Kuhn. Definição de modelo. **Reflexão, 2** (5): 49 – 55, jan/mar. 1 977.

Situando-se nas perspectivas de **A estrutura das revoluções científicas**, de Thomas S. Kuhn, o autor discute o sentido do termo modelo e a função do termo paradigma, entendido como teoria científica instrumental. A revolução científica é a transição para um novo paradigma, por ocasião de crise das ciências. Contrapõe estes conceitos de Kuhn àqueles de objeto-modelo e modelo teórico de Bunge, concluindo que o modelo é a construção teórica para representação formal de algo (coisa ou evento e, logo, conjunto de relações), estruturada de modo que seja submetida a comparações empíricas ou lógicas.

271. MOURA, Tarcísio. Dr. Alberto Schweitzer ou um diagnóstico da cultura. **Reflexão, 2** (5): 25 – 48, jan/mar. 1 977.

Seguindo itinerário traçado pela obra de Schweitzer, **Decadência e regeneração da cultura**, o autor apresenta e analisa o diagnóstico que esse pensador faz da cultura contemporânea sob um tríptico enfoque: o material, o filosófico e o espiritual. Aborda a filosofia responsável pela decadência da cultura, os fatores espirituais e econômicos que os destruíam e o caminho para sua regeneração.

272. PENNA, Antônio Gomes. Alguns aspectos da teoria da percepção de Jean Piaget. **Ciências Humanas. 1** (1): 41 – 48, abr./jun., 1 977.

O artigo se propõe como uma introdução à teoria da percepção de Piaget, confrontando-a com as teorias gestaltistas e funcionalistas, bem como fixando-lhe os fundamentos epistemológicos. Afirma a influência de Helmholtz, analisa os métodos de pesquisa adotados por Piaget para o estudo da percepção, aborda o conceito e o sentido da percepção nos vários estágios, encerrando com a discussão do problema da percepção da causalidade.

273. SIEBENEICHLER, Flávio. A Escola de Frankfurt e a questão do Humanismo. **Presença Filosófica**, 3 (2): 35 – 47. Jul/set., 1 977.

Detendo-se no pensamento de Adorno e Horkheimer, o autor retoma a teoria crítica da Escola de Frankfurt na busca de seu significado, formado através de sucessivas reformulações. É inicialmente busca de nexos entre ciência, filosofia e desenvolvimento social e defesa de um humanismo esclarecido; é, depois, uma forma especial de filosofia da história em que teoria e prática da emancipação desaparecem. A teoria crítica vai assumindo, mais e mais, uma forma negativa. Para recuperar o humanismo ameaçado, ela se volta com Adorno para a análise da arte e da filosofia, entendidas como único meio legítimo de captar a experiência humana autêntica, propondo o humanismo real.

274. SIMON, Paul. Pressupostos filosóficos de ‘L’idiot de la Famille’ de Jean-Paul Sartre. **Presença Filosófica**, 3 (2): 48 – 60, jul/set., 1 977.

Trata-se de uma análise do estudo de Sartre sobre Gustave Flaubert, estudo que o próprio Sartre considera continuação da **Questão de Método**. Julgando o estudo do fundo filosófico deste trabalho proveitoso para as ciências da educação, o autor destaca os pontos principais que o constituem a partir da perspectiva geral da cristalização das significações práticas: a práxis como significante, a inscrição das significações práticas na matéria e a cristalização na ação do grupo sobre si mesmo.

275. ZILBERBERG, M. Helena. O problema da abstração na obra de Kandinsky. **Ciências Humanas**, 1 (1): 49 – 53, abr/jun., 1 977.

No presente artigo, a autora elabora um estudo do livro de Kandinsky, **Du spirituel dans l’art**, enfocando o problema da abstração na

obra do inventor da arte abstrata. Embora a fuga do objeto não signifique a fuga da natureza, a autora resume a filosofia de Kandinsky pela afirmação de que a arte começa onde a natureza acaba. Ela é, necessariamente, criação e não imitação da natureza que ela supera enquanto constituição original.

ESTUDOS SISTEMÁTICOS

TEORIA DA FILOSOFIA:

276. TABORDA, Francisco. Filosofia e Ciências Humanas. **Perspectiva Teológica**, 9 (18): 173 – 188, Jul/set., 1 977.

Para definir a relação entre ciências humanas e filosofia, o autor parte do conceito de filosofia segundo o qual, ela é o tempo tomado pelo pensamento, recusando, contudo, a concepção neopositivista da filosofia como teoria da ciência. Cabe à filosofia pensar o seu tempo e, para fazê-lo, precisa pensar o homem, o que só poderá obter recorrendo às ciências humanas. Dando como paradigmas desta relação, a psicologia, a sociologia e a história, o autor conclui esboçando a sua concepção de filosofia como crítica do conhecimento, enquanto movimento constante de autocrítica e de auto-superação.

EPISTEMOLOGIA

Cf. também nºs 264, 270, 272.

277. SEABRA, Maria do Prado. O imaginário. **Presença Filosófica**, 3 (2): 61 – 64, jul/set., 1 977.

Assinalando a crescente preocupação da filosofia atual com a temática do imaginário e colocando a questão da dificuldade de abordagem deste assunto, dada a polissemia do termo, a autora mostra as distinções fundamentais no seio da profunda heterogeneidade encontrada na leitura de alguns filósofos. Passa em revista o sentido de imagem-representação mental clássica, a imagem-fantasia husserliana, a imagem-esquema de Kant, a imagem-halo de Mikel Dufrenne. Qualquer que seja o sentido considerado, duas conclusões se impõem: toda imagem é uma

representação mental e a consciência tem sempre um papel ativo.

278. DAMASCENO, José Ribeiro. **Introdução ao estruturalismo lingüístico**. Petrópolis. Vozes. 1 977. 124 pág.

Considerando o estruturalismo como ponto de vista epistemológico, através do qual se pode trabalhar o objeto das ciências, como hipótese de trabalho sempre solicitada, o autor encontra nele notáveis contribuições para o progresso do pensamento e do rigor metodológico. Após situar o estruturalismo como epistemologia, o autor examina sua origem à luz da lingüística e fala da pesquisa estrutural a partir da lingüística saussureana.

EPISTEMOLOGIA DAS CIÊNCIAS:

Cf. também nºs 270, 278.

279. CAMELLO, Maurílio J. de Oliveira. Aspectos da ciência clássica à ciência moderna. **Leopoldianum**, 3 (8): 25 – 33, dez/1 976.

O autor não pretende analisar os processos e modalidades da demonstração em ciência, mas sim detectar linhas diferenciais entre ciência clássica e ciência moderna, levando mais em conta os objetivos da demonstração do que a sua técnica. Procura apresentar a obscuridade das passagens de Aristóteles quando, em certos momentos, afirma que a demonstração é um processo inverso ao da indução, confirmando, no entanto, que o processo indutivo é o processo fundamental para o saber epistêmico. Estabelece um paralelo entre a ciência clássica que sofreu influências metafísicas, ficando assim sujeita à estagnação, e à ciência moderna, cuja mudança se deve à concepção do universo, compreendido como um conjunto complexo. Mostra a impossibilidade de fazer uma distinção radical entre dedução e indução, apresentando as opiniões contraditórias de Reichenbach e de Popper. Levanta questões sobre a ciência, a verdade, a teoria científica e sobre o que se pretende com a indução e a dedução.

280. CHALUB, Miguel. Psiquiatria e Ciências humanas. **Ciências Humanas**, 1 (1): 23 – 26, abr/jun., 1 977.

O artigo situa a psiquiatria em sua peculiaridade no concerto das ciências em função de suas vinculações com as ciências naturais e com as ciências humanas. Desta situação, decorrem implicações especiais para a compreensão do homem. Após estudar a evolução histórica da ciência psiquiátrica a partir do séc. XVIII, mostra que mediante a contribuição das ciências humanas, todo o problema das doenças mentais abordado pela psicopatologia teve de ser revisto, passando a psiquiatria a pensar de modo menos naturalista o fenômeno humano.

ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA:

Cf. também nºs 273, 280.

281. CASSORLA, Roosevelt M. S. O sujeito-sujeito. **Reflexão**, 2 (5): 57 – 65, jan/mar., 1977.

Análise da posição do sujeito nos vários modelos filosóficos e psicológicos, seu descentramento epistemológico nas várias etapas da revolução que o provoca. Citando principalmente Freud e Lacan, conclui o autor que o próprio cogito se resolve no desejo primordial, do qual as várias formas simbólicas do discurso se traduzem como formas de alienação.

282. LADRIÈRE, Jean. Antropologia e Cosmologia. **Presença Filosófica**, 3 (2): 3 – 17, jul/set., 1977.

O artigo coloca a questão das possíveis relações entre a antropologia e a cosmologia, ou seja, a problemática das relações entre o homem e a natureza, questão não resolvida pelo fato de ter a ciência substituído a filosofia na consideração do mundo natural. O autor encontra no conceito de ação uma perspectiva de interpretação susceptível de assegurar o acordo entre antropologia e cosmologia. Entre homem e mundo se insere significativamente a ação que, não obstante suas limitações e opacidades, une complementarmente a ordem humana à ordem natural.

TEODICÉIA:

Cf. também nº 289.

283. SCHIFFERS, Norbert. A hipótese do ateísmo no contexto das ciências humanas; terá o ateísmo um sentido religioso mais profundo? **Ciências Humanas**, 1 (1): 27 – 39, abr/jun., 1 977.

Refletindo sobre trabalhos de Mac Intyre e Paul Ricoeur, cujas posições ele expõe inicialmente, o autor, após reafirmar a importância do teísmo, expõe e analisa as seguintes teses dos dois pensadores: o teísmo não conseguiu superar a crise surgida no momento em que as ciências se propuseram encontrar a causa de tudo; fraquejou durante a crise desencadeada pela tecnocracia moderna; está em defasagem com relação à cultura atual; a avaliação do humano não mais depende do teísmo. São apresentadas as conseqüências do desmoronamento do teísmo levantadas por Mac Intyre, e é dada a resposta de Ricoeur ao desafio do ateísmo.

FILOSOFIA SOCIAL:

Cf. também nºs 265, 267, 268.

284. WIEDMANN, Luís F. Silva. Sociopsicologia do conflito. **Reflexão**, 2 (5): 69 – 84, jan/mar., 1 977.

Abordagem sociopsicológica da problemática do conflito humano dos dias atuais. O autor parte da afirmação de que o conflito individual é resultante do conflito social, ambos podendo ser superados em vista à plena cooperação social pela conquista progressiva da consciência sobre o inconsciente.

FILOSOFIA POLÍTICA:

Cf. também nº 289.

285. DUARTE, Samuel. Problemática do governo representativo. **Ciências Humanas**, 1 (1): 17 – 22, abr/jun., 1 977.

Retomando a problemática referente à relação de poder entre o homem, e a sociedade e o estado, o texto passa em revista, em rápidas pinceladas, as várias posições históricas da filosofia política.

Embora reafirme a relatividade de todas as conclusões da teoria política, entende o autor que a única forma de poder justificável é a da democracia representativa que não se compromete com as crises históricas por que passa invariavelmente em muitas sociedades.

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO:

Cf. também nº 274.

286. MOSQUERA, Juan. **Ensino: uma tarefa de reflexão**. Porto Alegre, Sulina, 1 977, 181 pág.

O autor desenvolve uma psicopedagogia com enfoque bem determinado: o enfoque humanista. Por isto, a compreensão do processo de educação pressupõe uma explicitação do sentido do humano. Todo o trabalho educacional está vinculado a este modo de ser e de existir do homem como pessoa. Daí, entender o próprio ensino como tarefa de reflexão. Após desenvolver um estudo do educando como pessoa, o autor analisa a situação do processo de educação.

FILOSOFIA DA CIÊNCIA:

Cf. também nº 280.

287. BRIEGER, F. G. A pesquisa científica básica, aplicada e tecnológica. **Supl. Cultural**, (50): 8 – 10, 25/9/77.

Distinguindo a ciência básica, enquanto procura aumentar nossos conhecimentos, sem qualquer finalidade prática, da ciência aplicada, que pesquisa com finalidade prática bem definida e da pesquisa tecnológica, aplicação de conhecimentos e métodos científicos em processos com fins práticos, o autor se pergunta que tipo de trabalho científico deve ser desenvolvido no Brasil, em sua atual fase de evolução. Defende, então, uma política científica que ponha as Universidades a serviço deste tríplice objetivo, dadas as múltiplas necessidades do país para construção do seu próprio desenvolvimento.

FILOSOFIA DA CULTURA:

Cf. também nº 271.

288. PORTO, José de Sá. Grandeza de comportamento e modelo de cultura. **Leopoldianum**, 3 (8): 7 – 24, dez/1976.

Partindo da categoria de grandeza de comportamento, cuja compreensão desdobra numa primeira parte, o autor discorre sobre um modelo de cultura nele fundado. Este modelo proposto é uma configuração resultante dos grandes comportamentos do pensar, do agir e do sentir que formam os altos padrões de comportamento.

FILOSOFIA DO DESENVOLVIMENTO:

289. CRIPPA, Adolpho. O valor do desenvolvimento. **Presença Filosófica**, 3 (2): 18 – 34, jul/set., 1977; **Leopoldianum**, 4(10): 15 – 26, ago., 1977.

Distinguindo o desenvolvimento como progresso determinado pelas potencialidades internas dos seres do desenvolvimento como progresso determinado pela atividade criadora do homem principalmente através da técnica, o autor retoma a questão do sentido do desenvolvimento como um todo, no qual se faz também presente o ato criador de Deus. O desenvolvimento é o resultado da criação divina prosseguida pela ação do homem. E o valor do desenvolvimento deriva desta participação, não podendo, pois, esgotar-se no progresso técnico-científico.

FILOSOFIA DA LINGUAGEM:

290. BENOIST, Luc. **Signos, símbolos e mitos**. Belo Horizonte. Interlivros, 1976. Trad. Anna Maria Viegas (Série Ensino Superior), 114 págs.

Análise filosófica, apoiada na linguística e na semântica, dos signos, símbolos e mitos enquanto manifestações mais elementares do significado imediato oferecido pela experiência espontânea. Após elaborar uma teoria do gesto em relação aos signos, o autor aborda o mundo dos símbolos, relacionando posteriormente os ritos e os mitos.